

Editorial

O que pode o audiovisual pelas lutas de gênero?

Primeiramente Fora Temer.

A Revista de Audiovisual Sala 206 em sua 5ª edição lança o dossiê Audiovisual e Gênero com a finalidade de tensionar os processos de comunicação audiovisual, em suas diversas plataformas (televisão, cinema, internet) e suas implicações com as dinâmicas contemporâneas que colocam em evidência as questões do corpo, do gênero e do sexo.

O audiovisual engloba diversas mídias e competências, pensadas enquanto linguagem ou meio, enquanto interface e pedagogia cultural dos modos de ser, estar, ter e viver, enquanto influente instituição configuradora e modeladora das subjetividades contemporâneas, dissolvendo e (re)fazendo fronteiras culturais, estereotipando e marcando identidades por meio da imagem. Por isso, as questões de gênero nas reflexões aqui propostas dizem respeito tanto aos jogos de identidade quanto às representações e discursos gerados a partir de materiais audiovisuais diversos, ou mesmo a partir das dinâmicas de funcionamento deste campo.

A escolha do tema não foi em vão e acontece numa ocasião de situação política oportuna em que direitos adquiridos estão em risco, direitos negados às mulheres negras, trans, indígenas trabalhadoras, mães... A negação de direitos femininos, como o direito pleno ao próprio corpo, especialmente em relação ao aborto, políticas contrárias a cultura do estupro...

A edição traz artigos que afirmam o gênero como construção histórica e como uma expressão cultural, e como este conceito pode ser problematizado no contexto da produção audiovisual contemporânea, seja na TV, no cinema ou na Internet. Filipe Falcão vai tratar das heroínas em filmes japoneses de terror, para entender que representações da mulher são construídas nesse contexto cultural, que é marcado tanto pelo moderno quanto pelo tradicional. A teledramaturgia brasileira e o melodrama são problematizados por Juliana Ribeiro Pinto Bravo, que atribui a esse gênero um fator de continuidade de certos padrões heteronormativos na sociedade. Questões de adaptação na articulação entre cinema e literatura aparecem no artigo de Luiz Claudio Kleaim e Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira, trazendo à tona uma discussão sobre autoria e representação da mulher. O sexismo na publicidade é o foco do artigo de Júlia Céli Torrecilha, que analisa o caráter apelativo de alguns comerciais. Carlos Guilherme Mace Altmayer e Denise Berruezo Portinari, por sua vez, discorrem sobre as estratégias de denúncia contra a homofobia a partir dos vídeos engajados do artista Rafucko, exibidos na Internet. Por fim, o texto de Edson Rangel dedica-se à problemática do racismo no universo da ficção científica, trabalhando com o Afrofuturismo como categoria central de suas análises.

Assim, as contribuições desta edição evidenciam a representação e/ou enredamento das singularidades e das particularidades que habitam os corpos de cada sujeito, e que a narrativa e a linguagem audiovisual são capazes de evocar e provocar no expectador.

Boa leitura!

Daniela Zanetti e Sérgio Rodrigo Ferreira